

A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO DO ADJETIVO GRANDE: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA TOPE

THE CONSTRUCTION OF MEANING OF THE ADJECTIVE 'GRANDE': A STUDY IN THE TOPE PERSPECTIVE

Lidiany Pereira dos Santos

Mestre em Letras/Universidade Federal do Piauí

E-mail: lidianyantos1@yahoo.com.br

Teresina, Piauí, Brasil

Maria Auxiliadora Ferreira Lima*

Pós-Doutorado/Universidade Federal de Minas Gerais

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa/ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Professora da Universidade Federal do Piauí

E-mail: dora.fl2@hotmail.com

Teresina, Piauí, Brasil

*Endereço: Maria Auxiliadora Ferreira Lima

Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Departamento de Letras. Campus
Universitário Petrônio Portela – Ininga, Teresina, PI – Brasil, CEP: 64049-550.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 04/06/2014. Última versão recebida em 23/06/2014. Aprovado em 24/06/2014.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é discutir a construção de sentido do adjetivo *grande*, observar as Operações de Qualificação e Quantificação nas suas ocorrências e elaborar a Forma Esquemática, que sintetiza a regularidade dos seus usos. Contrastando com a visão da Gramática Normativa e da Gramática de Uso, tem-se como suporte teórico a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) de Antoine Culioli (1990), que adota uma linha de investigação voltada para a identidade e variação das unidades morfolexicais, a qual é desenvolvida por Franckel (2006), Vogüé (2000, 2011) e Paillard (2011). A respectiva teoria entende o enunciado como um agenciamento de operações e o léxico não é visto como um material pré-construído e instaurado pela organização sintática dos enunciados, e sim, como lugar de uma variação regrada, ou seja, as unidades não são portadoras de sentido em si mesmas, mas seus sentidos são advindos do funcionamento delas num espaço enunciativo, independente da categoria à qual pertença. Para as análises utilizou-se o *corpus* para pesquisa linguística denominado PORFATER. Pelas análises constatou-se que a Operação de Qualificação foi preponderante em relação à Operação de Quantificação e que a construção de sentido desse adjetivo depende da natureza semântica do nome a que se refere.

Palavras-chave: Adjetivo *grande*. TOPE. Sentido. Operações.

ABSTRACT

The objective of this paper is to discuss the construction of meaning of adjective 'grande' from the Portuguese language, observe the Qualification and Quantification Operations in its occurrences, and prepare the Schematic Form, which summarizes the regularity of its uses. In contrast to the view of the Normative Grammar and of the Usage Grammar, the theoretical support came from the Theory of the Predicative and Enunciative Operations (TOPE, in Portuguese) by Antoine Culioli (1990), which adopts a line of research that is focused on identity and variation of morpholexical units, which is developed by Franckel (2006), Vogüé (2000, 2011), and Paillard (2011). The aforementioned theory considers the statement as a management of operations and the lexicon is not seen as a pre-built material and introduced by the syntactic organization of statements, but rather as a place of orderly change, i.e., the units are not carriers of meaning in themselves, but their senses are arising in their operation in an enunciative space, regardless of the category to which it belongs. For the analyses, the linguistic search corpus called PORFATER was used. Through the analyses, it was found that the Qualification Operation was predominant in relation to the Quantification Operation, and the construction of meaning of that adjective depends on the semantic nature of the name to which it relates.

Keywords: *Grande* adjective. TOPE. Meaning. Operations

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa proposta apresenta uma abordagem do adjetivo *grande* em uma perspectiva centrada no processo de construção de sua significação no enunciado, afastando-se de um posicionamento que já determina previamente sentidos e valores. Buscamos definir a Forma Esquemática (FE) do adjetivo *grande* na diversidade de suas ocorrências através da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), a qual foi fundada pelo teórico francês Antoine Culioli (1985). Baseamo-nos mais especificamente pela linha de investigação desenvolvida pelos seus colaboradores Franckel (2006), Vogüé & Paillard (1997), que buscam estudar a identidade e variação das unidades morfolexicais, a partir da observação feita por Benveniste quanto à função integrativa das unidades lexicais.

Para a TOPE todas as unidades lexicais são suscetíveis de possuírem Forma Esquemática (FE), porque o sentido das unidades lexicais não é dado, e sim, construído nos enunciados. Essa teoria evidencia que a análise de fenômenos linguísticos não se reduz diretamente a um raciocínio acerca do mundo ou dos processos cognitivos; considera o sentido construído por meio de unidades que integram o todo formando o enunciado. Assim, o sentido de uma unidade lexical depende da relação entre cotexto (sequência do enunciado) e do contexto (cenário).

Baseamo-nos em trabalhos que aplicaram essa teoria para mostrar a identidade de algumas formas linguísticas, como os já citados da Língua Francesa (Franckel, Vogüé e Paillard) e os da Língua Portuguesa, como Valentim & Lejeune (2009), Romero (2010) e Lima (2013).

Dessa forma, nossos objetivos são: explicar como se dá a interação do adjetivo *grande* com as outras unidades linguísticas nos enunciados orais para a construção de sentido; explicar como *grande*, apesar de possuir uma noção estritamente qualitativa, também pode possuir uma noção quantitativa e identificar, através da variação semântica desse adjetivo, uma singularidade, uma regularidade, ou seja, a Forma Esquemática.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O adjetivo na perspectiva da Gramática Normativa e da Gramática de Uso

Nos manuais, o adjetivo: morfologicamente, é uma palavra variável; sintaticamente, está relacionado ao substantivo e ao verbo; semanticamente, é uma palavra que designa

qualidades, propriedades ou relações. Dessa forma, define-se o adjetivo, essencialmente, como uma classe não independente que possui a capacidade de caracterizar os seres e estabelecer relações com o substantivo e o verbo.

Para Bechara (1999, p.142), “adjetivo é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a delimitação, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo”. Cunha e Cintra ([1984] 2008, p. 259) definem o adjetivo como um modificador do substantivo que serve “para caracterizar os seres, os objetos ou as noções nomeadas pelo substantivo ou para estabelecer com o substantivo uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, etc.”.

Para Neves (2000, p.173), os adjetivos servem para indicar atribuições, ou seja, “atribuir uma propriedade singular a uma categoria (que já é um conjunto de propriedades) denominada por um substantivo”. Conforme a autora, os adjetivos atribuem essa propriedade de dois modos: qualificando ou subcategorizando, como por exemplo: estudo **fascinante** (qualificando), estudo **psicotécnico** (subcategorizando)¹.

A Gramática Normativa trabalha com classificações e valores já estabelecidos. A Gramática de Uso também trabalha com algumas classificações, porém, já aborda alguns comportamentos inferenciais do adjetivo; mas, mesmo assim, não consegue explicar o seu funcionamento nos diversos enunciados. Observamos que a classificação dos adjetivos ainda não está bem resolvida, sendo necessários maiores esclarecimentos sobre alguns pontos fundamentais no comportamento enunciativo dessa classe gramatical.

Assim, a TOPE, teoria em que nos baseamos, preocupa-se em observar a interação das unidades linguísticas nos enunciados para a construção de sentido. Para essa teoria, o valor de um elemento gramatical não é dado, e sim, construído através das formas linguísticas de operações; e as formas linguísticas constituem marcas dessas operações, através da relação que se dá com as unidades linguísticas no cotexto (sequência linguística) e com o contexto (espécie de cenário que advém a partir do cotexto). Há exemplos que não são explicados pela Gramática Normativa, tampouco pela Gramática de Uso, mas que são explicados pela TOPE, como: “Dona Felismina sorriu **grande**” e “Maysa pensa **grande**”.

Nesses exemplos, conforme a TOPE, a ocorrência **grande** resulta de uma operação qualitativa que incide sobre as ocorrências verbais e não sobre o nome como preestabelece a Gramática Normativa ao definir o adjetivo. Esses exemplos são possíveis porque é o sujeito que se apropria da Língua e faz com que as formas linguísticas interajam nos enunciados e

¹ Exemplos nossos

construam sentidos. Assim, o que está em jogo não é o sentido de *grande*, mas o seu comportamento do ponto de vista qualitativo.

Um outro aspecto abordado pela Gramática de Uso e que chama nossa atenção é a posição do adjetivo no sintagma nominal, como exemplo citamos a abordagem de Neves (2000), na qual ela explica que o adjetivo qualificador, quando usado na função de adjunto do substantivo, poderá vir anteposto ou posposto ao nome. Mas, faz uma ressalva: “Embora o adjetivo qualificador não tenha, em geral, uma posição fixa dentro do sintagma nominal, não se pode dizer, entretanto, que a ordem seja absolutamente livre” (NEVES, 2000, p.201).

Segundo a autora, há restrições a determinadas colocações e ocorrem diferenças em maior ou menor grau quanto ao resultado semântico justamente por conta da posição dos elementos nos sintagmas nominais que contêm adjetivos. Dessa forma, ela estabelece 03 (três) situações para o adjetivo: 1) a ordem é livre, ou seja, o adjetivo pode vir anteposto ou posposto ao substantivo; 2) a ordem é fixa; 3) a ordem é pertinente, isto é, altera-se o sentido conforme o adjetivo esteja posposto ou anteposto ao substantivo. Vejamos alguns exemplos²:

(01) [...] embora seja um homem BONITO

(02) Tio Gígio podia ser até um BONITO homem

(03) Sou muito ocupada e não tenho paciência para aturar gente IMATURA

(04) O desenvolvimento mental não é pois um MERO processo de desenvolvimento biológico

(05) Quem me contou foi um homem VELHO que esteve lá

(06) Apresento-te um VELHO amigo, companheiro de colégio

Os exemplos (01) e (02) referem-se à ordem livre em que tanto faz vir anteposto ou posposto, o sentido é o mesmo; o (03) e o (04) são de ordem fixa, o primeiro refere-se ao caso obrigatório de posposição e o segundo ao caso obrigatório de anteposição; o (05) e o (06) referem-se à ordem ser pertinente, pois diferentemente dos exemplos (01) e (02), o adjetivo “velho” vai ocasionar mudança de sentido. Para a autora, no geral, a anteposição reforça o caráter avaliativo, por isso é chamado de “valor subjetivo” e a posposição refere-se às propriedades intensionais do substantivo, desse modo configura o “valor objetivo”.

Para Neves (2000), o importante é observar que um mesmo adjetivo se comporta de modo diferente, conforme a natureza do substantivo e a colocação dos constituintes no sintagma nominal. Para explicarmos melhor como isso funciona, vamos utilizar o exemplo

² Exemplos de Neves(2000, p.202-203)

dela³ com o adjetivo *grande*. Ela o coloca em uso com nome humano, nome animado, nome concreto, nome abstrato e nome quantificável. Utiliza em todos eles anteposição e a posposição. Vejamos como isso interfere na atribuição do sentido desse adjetivo:

Com nome concreto não-humano = de grande porte, volumoso

Exemplos: Enrolei o lenço GRANDE na mão... [posposto – descritivo]

Atrás do GRANDE portão de barras... [anteposto – apreciativo]

Com nome humano = importante, de grande porte

Exemplos: [...] a já denominada Zélia, menina GRANDE e gorda. [posposto – descritivo]

É um GRANDE administrador... [anteposto – apreciativo]

Com nome abstrato = de grandes proporções, profundo

Exemplos: O clima parece ter influência GRANDE... [posposto – descritivo]

[...] poderia ser útil pessoa de tão GRANDE beleza... [anteposto – apreciativo]

Com nome coletivo (anteposto ou posposto) = de muitos elementos

Exemplos: Os vermes não constituem um só GRANDE grupo biológico [anteposto]

Depois, um grupo GRANDE, forte se organizaria à esquerda da praça... [posposto]

Dessa forma, Neves (2000) considera a anteposição do adjetivo como forma evidente da atitude valorativa do substantivo qualificado.

Como a nossa linha de investigação defende que uma sequência não pode ser bem formada sem que se tenha a atenção a uma contextualização particular para que ela determine e para que defina o valor preciso tomado por esta sequência, buscamos, através do adjetivo *grande*, explicar as interações dessa marca com os seus respectivos cotextos e contextos. Procuramos mostrar como essas interações contribuem para a construção de sentido desse adjetivo nos enunciados, uma vez que os sentidos são construídos e não dados. Conforme Franckel (2006, p.56)⁴: “Enquanto dado, o referente é do domínio do extralinguístico e enquanto construído, é determinado pela própria forma do enunciado. Nós o denominaremos então *valor referencial*.”

Por isso nós discordamos dessa classificação definida por Neves (2000) em relação à posição do adjetivo, em especial, essa última com a o adjetivo *grande*, pois ela não dá conta dos sentidos reais produzidos por esse adjetivo. Tomando como exemplo: “Os vermes não constituem um só GRANDE grupo biológico [anteposto]” e “Depois, um grupo GRANDE, forte se organizaria à esquerda da praça... [posposto]” em que ela os classifica no grupo dos

³ Neves (2000, pp.209-210)

⁴ En tant que donné, le référent est du domaine de l’extralinguistique et en tant que construit, il est déterminé par la forme même de l’énoncé. Nous l’appellerons alors *valeur référentielle*.

coletivos com o sentido de “muitos elementos”, observamos que no primeiro enunciado “grande” pode ter os dois sentidos: quantidade e qualidade. Se pensarmos em um cenário em que o Sujeito Enunciador (SE) esteja se reportando aos tipos de vermes existentes e a atuação dos mesmos no organismo, então *grande* assume um valor quantitativo. No segundo, *grande* possui o sentido de quantidade, pois “o grupo era grande quantitativamente e tinha força”; isso é percebido claramente pela presença do adjetivo “forte”, o qual segue “grande” no enunciado.

Neves (2000) observa o adjetivo *grande* em uso com nome humano, nome animado, nome concreto, nome abstrato e nome quantificável. Isso para a TOPE não se sustenta porque é preciso observar cada uma das configurações em que *grande* se apresenta. Como explicam Vogüé e Franckel (2002)⁵:

Tudo isso mostra que não é possível simplesmente imputar a variação que se observa com *grande* a um efeito do cotexto. Há uma variação em cotexto constante, o que significa que esta variação é também um caso de interação: ela depende da forma que se elabora a interpretação global do enunciado, da forma que os valores das palavras e estruturas na presença um do outro se combinam, e talvez também, da forma que o enunciado vai de maneira geral se construir. (VOGÜÉ & FRANCKEL, 2002, p.33)

Dessa forma, a TOPE observa as inúmeras ocorrências em que essa unidade se encontra independente destes aspectos, pois o que importa para ela é saber como esse adjetivo se instaurou em determinado cotexto e contexto, ou seja, a organização da sequência e o cenário em que foi utilizado possibilitarão sentidos para esse adjetivo. Para ficar mais claro o que defendemos, vejamos a seguir o que vem a ser Enunciado, Cotexto e Contexto para a TOPE.

2.2 Enunciado, Cotexto e Contexto

Para Culioli (1990) a enunciação não está vinculada diretamente ao sujeito que se enuncia, ela não é um ato, e sim, um processo de construção, ajustamento de formas em que o enunciado é resultado desse processo. Para ele, o enunciado é entendido como um arranjo de formas a partir das quais os mecanismos enunciativos que o constituem como tal podem ser

⁵ Tout cela montre qu’il n’est pas possible de simplement imputer La variation qui s’observe avec *grand* à un effet du co-texte. Il y a une variation à contexte constant, ce qui signifie que cette variation est aussi affaire d’interaction: elle dépend de la façon dont s’élabore l’interprétation globale de l’énoncé, de la façon dont les valeurs des mots et structures en présence se combinent, et peut-être aussi de La façon dont l’énoncé va de manière générale se construire.

analisados, ou seja, o enunciado é visto como um encadeamento de operações do qual é rastro, pista. Franckel (2011) explica:

A justificativa pelo termo “operação” deve-se justamente à hipótese de que o valor referencial do enunciado não é um dado, mas algo construído. Isso significa que o arranjo de formas que o materializa remete, não a valores, mas às operações de constituição do valor referencial. Estudar a enunciação é, portanto, estudar as modalidades de constituição desse valor (FRANCKEL, 2011, p.44).

Nessa perspectiva em que o sentido origina-se exclusivamente do material verbal, não se busca o sentido do enunciado em um referente extralinguístico, pois o contexto não é externo ao enunciado, mas gerado, produzido pelo próprio enunciado. Assim, o sentido corresponde à construção de valores referenciais.

Como explica Vogüé (2000, p.31), valor referencial de um enunciado é constituído a partir de "ocorrências nocionais" que são instanciadas das diferentes noções que se referem aos itens lexicais implicados nos enunciados. As ocorrências são estritamente definidas pela relação com as noções que elas instanciam, ou seja, pela relação que há entre a noção de uma forma linguística e suas ocorrências. Assim, o valor referencial é o jogo entre várias noções da mesma forma linguística e o que se estabiliza no ato da enunciação.

Franckel (2006) no seu texto *Situation, contexte, valeur référentielle* explica que o enunciado é uma sequência que se torna interpretável pela estabilização de um de seus contextos possíveis. Conforme Franckel (2006, p.62)⁶, “[...] do mesmo modo que o valor referencial [...] é indissociável [...] do referente efetivo, do mesmo modo a situação, o contexto e mais geralmente o que nós chamamos cenário são sempre ao mesmo tempo da ordem do dado e da ordem do construído.”

Para Vogüé (2011), o cenário (contexto) difere de um simples esquema de organização por ter uma dimensão simultaneamente dinâmica, construída e integrativa porque envolve as operações que as formas linguísticas evocam como: especificações, determinações, graduações, etc. Assim, esse cenário (contexto) não é aleatório, pois, para cada unidade, poderemos determinar quais serão suas construções possíveis.

Assim, uma mesma sequência linguística poderá remeter a enunciados diferentes. Vejamos como isso funciona tendo como exemplo uma sequência analisada por Lima (2013) com o adjetivo **bom** e outra analisada por nós com o adjetivo **grande**.

⁶ [...] de même que la valeur référentielle [...] est indissociable [...] du référent effectif, de même la situation, le contexte et plus généralement ce que nous avons appelé *scénario* sont toujours à la fois de l'ordre du donné et l'ordre du construit.

Conforme Lima (2013,p.47), “na sequência *O bolo está bom* podemos detectar pelo menos 03(três) contextos compatíveis com essa situação que resultam em 03 (três) enunciados distintos”:

- a) Uma situação em que A faz uma apreciação sobre a qualidade de um bolo provado e diz: “O bolo está bom”;
- b) Uma situação em que A examina um bolo que está sendo assado e confere que já está no ponto e diz: “O bolo está bom”;
- c) Uma situação em que A diz que um bolo está estragado por ser de dois atrás e B, após degustá-lo diz: “O bolo está bom”.

Na sequência linguística *A pancada foi grande*, podemos também identificar pelo menos 03 (três) contextos possíveis para essa situação, os quais produzem 03 (três) enunciados distintos por conta da situação enunciativa ser diferente:

- a) Uma situação em que A presencia o choque entre dois carros, então diz: “A pancada foi grande”;
- b) Uma situação em que A toma um prejuízo financeiro e diz: “A pancada foi grande”;
- c) Uma situação em que A vai tentar “ficar” com a menina e ela a ofende e B está próximo ouvindo e diz: “A pancada foi grande”.

Esses exemplos mostram que uma mesma sequência linguística, em função do cenário, estabiliza enunciados distintos, o que implica, também, na construção de sentidos distintos da ocorrência lexical em questão. Como explica Lima (2013, p.47), “o enunciado é uma sequência que se torna interpretável pela estabilização de um de seus contextos possíveis, sendo estes desencadeados a partir da sequência”. Assim, para o linguista o que é fundamental é detectar o que há de regular nesses usos com determinada marca linguística. Dessa forma, como diz Franckel (2006, p. 65)⁷, “[...] este contexto é ele mesmo variável, mas de forma não aleatória: ele é restrito pela unidade que faz parte do cotexto, absolutamente como o cenário é restrito pela forma do enunciado na qual ele se inscreve.”

Em síntese, o Cotexto é uma sequência linguística com potencial se tornar um enunciado e o Contexto são os cenários construídos a partir da organização da sequência, os quais se estabilizam no momento da enunciação. Assim, esses cenários só são possíveis a partir da “interpretação” advinda do que está posto no cotexto, ou seja, eles são construídos através da interação das unidades linguísticas no cotexto. Dessa forma, as unidades

⁷[...] ce cotexte est lui-même variable, mais de façon non aléatoire: Il est contraint par l’unité dont il constitue le contexte, tout comme le scénario est contraint par la forme de l’énoncé dans lequel il s’inscrit.

linguísticas terão seus sentidos construídos mediante a organização do cotexto, bem como o cenário estabilizado na situação de enunciação. Por isso a TOPE rebate a Polissemia na visão clássica (uma palavra abarca vários sentidos), pois explica que isso não se sustenta.

A TOPE estuda a construção de sentido das unidades lexicais, considerando a própria forma da sequência em que se encontra a unidade em estudo, ou seja, para essa teoria o sentido da palavra não é dado, mas sim construído mediante à organização dessa unidade com outras unidades num enunciado, daí porque se falar em operações de referenciação. Como explica Franckel (2011):

Passamos de um sentido ancorado em um referente para um sentido que decorre de valores referenciais construídos, observáveis em meios textuais definidos. [...] A linguagem não consiste mais, portanto, em ‘pôr em relação’ e em localizar unidades cujo sentido é pré-construído, mas em realizar ‘operações de orientação’ que determinam os valores referenciais e que são, elas próprias, constitutivas do sentido dessas unidades (FRANCKEL, 2011, pp.54-55).

Para ficar mais claro o que estamos aqui defendendo, vejamos esses exemplos⁸ com o verbo “correr”:

(12) o sangue **corre** nas veias.

(13) Pedroso tem já a **correr** uma ação cível contra o Estado.

(14) Não, abro já. Um momento. Saltou da cama e **correu** ferrolho.

Percebemos que em cada enunciado a unidade “correr” possui sentidos diferentes. Isso acontece porque há uma interação entre a unidade e o contexto em que a referida unidade está inserida. Assim, no exemplo (12) temos **correr** no sentido de fluir, porque temos as unidades “sangue” e “veias” que contribuem para esse sentido; no (13) **correr** significa colocar em ação algo, desenrolar, porque a unidade “ação cível” desencadeia esse movimento contra o Estado; no (14) temos **correr** no sentido de deslizar para abrir ou fechar algo, porque a unidade “ferrolho” é que remete à noção de “abrir-fechar”. A partir desses exemplos fica claro o porquê da polissemia na perspectiva tradicional não se sustentar, não ser eficaz, pois a TOPE defende “uma visão dinâmica da contextualização coerente com a qualidade interativa das unidades” (LOPES, 2000, p. 4).

Então, são essas dinâmicas de interação das formas linguísticas nos enunciados que permitem construirmos vários sentidos para uma determinada forma linguística, e não a unidade em si que possui vários sentidos. É essa dinâmica de interação que possibilita usarmos uma unidade linguística em situações enunciativas que ultrapassa o seu sentido usual

⁸ Exemplos de Valentim & Lejeune (2009, pp. 2-4)

ou primário. Ao analisar o verbo “quebrar”, Romero (2010) explica que é por meio dessa integração entre as unidades que podemos dizer: **quebrar** a promessa, **quebrar** a hierarquia, **quebrar** o protocolo, **quebrar** a rotina, **quebrar** o costume, **quebrar** o silêncio, **quebrar** a página, **quebrar** o sistema, **quebrar** o salto do sapato⁹, etc.

Dessa forma, a TOPE defende que as unidades linguísticas não possuem um sentido dado e sim construído, pois envolve a interação da unidade com o Cotexto e o Contexto. Assim, não é o Contexto que estabelece a construção de sentidos, e sim, o Cotexto que induz às operações de sentido dessas unidades no enunciado. Passaremos agora para outros conceitos fundamentais, os quais foram utilizados nas nossas análises. Vejamos.

2.3 Noção, Domínio Nocial, Tipo e Atrator

Comentado esses primeiros conceitos da TOPE, partimos agora para os conceitos mais técnicos, digamos assim, os quais são cruciais para o entendimento das nossas análises. Então, Culioli (1999b) definiu Noção como um feixe de propriedades físico-culturais que possui uma entidade híbrida, pois ela, de um lado, trata-se de uma forma de representação não linguística ligada ao estado de conhecimento e à atividade de elaboração de experiências de cada um (indivíduo); é uma representação sem materialidade, ou melhor, em que a materialidade é inacessível ao linguista. As noções não correspondem, portanto, diretamente aos itens lexicais. E de outro lado, trata-se da 1º (primeira) etapa de uma representação metalinguística. Dessa forma, a noção constitui-se através da ligação entre o mundo e as representações físico-culturais de um lado, e entre a língua, por outro. Ela não chega a ter um estatuto linguístico propriamente dito.

A noção integra uma atividade simbólica, a qual envolve trabalhos metafóricos e trabalhos de ajustamentos intersubjetivos que supõe, ao mesmo tempo, estabilidade e deformabilidade. E as ramificações das propriedades estocadas (das experiências), ao se organizarem umas em relação às outras em função de fatores físicos, culturais, antropológicos, estabelecem o Domínio Nocial. Dessa forma, o Domínio Nocial é o domínio de ocorrências de uma noção. O que vem a ser uma Ocorrência? Culioli (1999b) no seu texto *Structuration d'une notion et typologie lexicale. À propos de la distinction dense, discret compact* explica que a Ocorrência é a encarnação de uma noção sob a forma de linguagem, ou seja, é a materialização de uma representação mental através de traços que

⁹ Exemplos de Romero (2010, p.484)

constituem os agenciamentos de formas, os quais irão estabelecer a noção por meio da expressão “ter a propriedade P”.

Como explicam Franckel e Paillard (2011), uma ocorrência não possui relação estabilizada com a noção, pois, para que ela seja determinada, é necessário passar pela instauração de dois pólos organizadores: Tipo e Atrator. O Tipo é uma ocorrência representativa/privilegiada que possibilita identificar tal ocorrência como exemplar da noção. Como diz Culioli (1999b, p. 12): “Essa ocorrência representativa pode definir uma enumeração de propriedades, mas não necessariamente. Ela pode se exprimir sob as formas a que eu chamo X, a ideia que faço de X um verdadeiro X para mim, etc.” Assim, o tipo permite estabelecer tudo o que uma cadeira é, por exemplo. É através do Tipo que identificamos a cadeira pertencente à classe das cadeiras, isto é, “um exemplar está conforme a propriedade que ele identifica e da qual constitui uma amostra.” (FRANCKEL & PAILLARD, 2011, p. 93)

O Atrator é o pólo organizador que permite determinar em que e em qual parâmetro uma ocorrência tem a ver com a noção. Ele “estabelece uma dupla singularidade: a singularidade da noção, enquanto indizível; a singularidade dos indivíduos que somente são herdeiros da noção sob este ou aquele aspecto e que a dividem.” (FRANCKEL & PAILLARD, 2011, p. 93). No Atrator, uma ocorrência torna-se singularizada pelo simples fato de ela marcar em relação a ela mesma, constituindo seu próprio termo de referência, ou seja, ela é absoluta, pois não possui outra referência, a não ser ela mesma. Assim, enquanto o Tipo corresponde a uma ocorrência representativa, o Atrator remete a uma representação abstrata e absoluta, isto é, estabelece um valor absoluto que conduz a uma singularidade em relação ao Tipo e, portanto, nenhuma alteridade pode mais se definir. Porém, Franckel e Paillard (2011) explicam que, apesar da diferença entre Tipo e Atrator, é possível a inversão entre eles, ou seja,

[...] as ocorrências de uma noção são elas próprias construídas e especificadas, por um lado, por orientação ao tipo, e por outro lado, ao atrator. Isso significa que as diferentes estruturações do domínio nocional podem ser relacionadas aos diversos efeitos do operador \underline{g} (épsilon) (FRANCKEL & PAILLARD, 2011, p 94).

Em suma, a noção passa pela construção de ocorrências e o domínio nocional corresponde à diversidade dessas ocorrências em função da articulação singularidade/exemplaridade, respectivamente Atrator/Tipo. Esses conceitos serão claramente

compreendidos no tópico das Análises. Passemos agora para as Operações de Qualificação e Quantificação.

2.4 Operações de Qualificação (Qlt) e Quantificação (Qnt)

A operação de Qlt refere-se às operações de identificação/diferenciação, as quais permitem dizer se as ocorrências são ou não da mesma propriedade. Essas operações são importantes porque possibilitam construir uma ocorrência representativa, a qual vai servir de base para localizar as demais ocorrências quanto a possuírem características da ocorrência representativa ou não.

São essas operações também que, conforme Valentim (1998), permitem estruturar a classe das ocorrências num domínio nocional dividido em 4 (quatro) zonas: um interior (I), um exterior (E), uma fronteira (F) e uma zona que não é nem interior nem exterior (IE). Segundo Valentim (1998):

O interior é, pois, a construção de um aberto que contém todas as ocorrências; o exterior é composto por ocorrências qualitativamente diferentes do centro organizador, [...] é vazio da propriedade constitutiva da noção, seja por inexistência, seja por alteridade radical; a fronteira compreende os valores que não pertencem nem ao interior, nem ao exterior mas que, conforme a ação dos enunciadores durante a troca enunciativa pode ser ligada seja ao interior, seja ao exterior. Em IE, tanto I como E são acessíveis, isto é, podem ser visados (VALENTIM, 1998, p.40).

Para ficar mais claro, vejamos estes exemplos¹⁰:

- (15) Paulo escreveu um artigo;
- (16) Paulo não escreveu um artigo;
- (17) Paulo escreveu quase um artigo;
- (18) Paulo escreveu um livro.

Pelos exemplos acima, temos noção < ser artigo >, a qual no centro organizador encontra a propriedade “verdadeiramente artigo”. Assim, o exemplo (15) encontra-se na zona interior (I); o (16) está na zona exterior (E), pois não se enquadra na noção < ser artigo >; o (17) na fronteira (F), pois não é nem (I) nem (E), mas que pode ser ligada a um ou a outro; e o (18) encontra-se totalmente distante do (I), pois difere da noção < ser artigo >, mas poderá ter relação com o (E), < não ser artigo >.

Já a operação de Qnt, como explica Culioli (1999, p.4)¹¹, “[...] remete não à quantificação lógica, mas à operação pela qual se constrói a representação de **alguma coisa**

¹⁰ Exemplos nossos

que se pode distinguir e situar em um espaço de referência.” Culioli (1999) explica que uma noção qualitativa pode gerar uma noção quantitativa, ou seja, permite passar de um qualitativo indivisível para o qualitativo fragmentado, “[...] vamos, por uma operação abstrata de individuação, fragmentar a noção para que possamos construir as ocorrências dessa noção nos enunciados...” (CULIOLI, 1999, p.5)¹². Para mostrarmos como se dá essa operação, voltamos ao exemplo citado por Neves (2000, p.209): “Depois um grupo GRANDE, forte se organizará à esquerda da praça”. Nele é bastante claro que o adjetivo *grande* está exercendo o papel de quantificador das pessoas que formam esse grupo e que por isso ele se torna um grupo forte, ou seja, da noção qualitativa de *grande* temos a noção quantitativa.

Além desses conceitos, trabalhamos também com os conceitos de Invariância e Forma Esquemática. Vejamos.

2.5 Invariância e Forma Esquemática (FE)

A Invariância, para a TOPE, é um fenômeno importante, porque mostra a variação de uma língua a outra e as variações intralíngua, ou seja, a Invariância nada mais é do que a regularidade que subjaz os diversos usos de uma unidade lexical. A Invariância é parte da Língua uma vez que as unidades lexicais integram as variações discursivas, justamente porque a Língua não é um sistema rígido, estático, e sim, um sistema que traz intrinsecamente a deformabilidade, permitindo que essas unidades integrem e regulem as variações contextuais.

Conforme Cumpri (2012):

Dada uma unidade, explora-se o campo de sua variação, mostra-se que essa variação é, pelo menos, parcialmente organizada para, a partir disso, poder reportá-la a uma invariante; a saber, a forma apreendida por essa organização, forma que define a variação e que se mantém na linha dessa variação (CUMPRI, 2012, p.45).

E é essa Invariância que vai proporcionar a Forma Esquemática dessa unidade lexical. A FE visa definir a identidade de uma unidade linguística, ou seja, constitui uma forma que observa o papel específico que uma unidade desempenha nas interações constitutivas com

¹¹[...] renvoie non pas à la quantification logique, mais à l'opération par laquelle on construit la représentation d'un **quelque chose** que l'on peut distinguer et situer dans un espace de référence.

¹²[...] on va par une opération abstraite d'individuation, fragmenter la notion, de sorte qu'on puisse construire des occurrences de cette notion dans la production / reconnaissance d'énoncés...

outras unidades para a construção do valor referencial nos enunciados. Conforme Franckel (2006)¹³:

Uma FE envolve parâmetros semânticos abstratos, neste sentido que eles se situam aquém de uma atribuição lexical e são suscetíveis de fazer o objeto de múltiplas especificações. Ela marca que a unidade se insere em um duplo processo interativo de esquematização (ou de configuração) do cotexto por um lado, e da instanciação deste esquema pelos elementos deste cotexto por outro lado. Isso significa que as próprias unidades lexicais são concebidas como fontes de cenários (FRANCKEL, 2006, p. 65).

A FE é uma espécie de forma sintetizada que mostra como acontece a invariância, ou seja, ela encapsula uma regularidade de uso de uma determinada unidade linguística mediante as suas variações. Assim, iremos analisar as ocorrências com *grande* nos enunciados orais, observaremos o que há de regular nessas ocorrências e construiremos a sua FE. Passemos à Metodologia.

3 METODOLOGIA

As ocorrências com a marca *grande* foram retiradas do *corpus* para pesquisa linguística denominado Português Falado por Estudantes Teresinenses – PORFATER, o qual é composto de 482 páginas. Ele foi desenvolvido no Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí – UFPI, *campus* Teresina. Trata-se de enunciados orais de estudantes teresinenses que cursaram o 5º ano, 9º ano e 3º ano do Ensino Médio em Escolas Particulares e Públicas. Detectamos 76 ocorrências com o adjetivo *grande*, mas, para os nossos objetivos no presente artigo, selecionamos 29 para as análises.

Como a TOPE defende que existe um princípio regular subjacente aos vários usos de determinada marca linguística, não trabalhamos com a análise exaustiva dos enunciados, já que, em tese, esse princípio seria comum em todos os enunciados. Logo, selecionamos aqueles conforme a nossa ênfase de análise. Faz-se necessário explicarmos também que a escolha pelos enunciados orais se deu, em virtude de a própria TOPE defender a importância de se trabalhar com uma língua em sua realidade, ou seja, com a língua em uso, partindo-se de

¹³ Une FS met en jeu des paramètres sémantiques abstraits, em ce sens qu'ils se situent en deçà d'une assignation lexicale et sont susceptibles de faire l'objet de multiples spécifications. Elle marque que l'unité s'inscrit dans un double processus interactif de *schématisation* (ou de configuration) du cotexte d'une part, d'*instanciation* de ce schéma par les éléments de ce cotexte d'autre part. Cela signifie que les unités lexicales elles-mêmes sont conçues comme sources de scénarios.

dados concretos, em especial de produções espontâneas, como é o caso desses enunciados, os quais se aproximam do uso natural da língua, ou melhor, menos monitorada possível.

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, em que os dados foram analisados sob uma perspectiva descritivo-interpretativa, pois nosso intuito não é quantificar as ocorrências com a marca *grande*, e sim, ir em busca dos “observáveis” nos enunciados, ou seja, entender como se dá a construção do sentido a partir da integração entre cotexto (organização/sequência do enunciado) e contexto (possíveis cenários que permitem a interpretação do enunciado). Assim, partimos da hipótese de que existe algo de invariante que constitui a identidade do *grande*, isto é, que viabiliza a estabilização dos valores desse adjetivo, valores esses observados nas suas realizações nos enunciados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO ADJETIVO *GRANDE* NOS ENUNCIADOS ORAIS

Conforma já ressaltamos, a TOPE defende que há uma Invariância nas línguas, através das suas estruturas e práticas e que essa invariância é própria da atividade de linguagem. No caso do léxico, a invariância se dá intralíngua e não interlíngua. Como a variação se manifesta na diversidade dos sentidos, nossa pesquisa busca extrair no supracitado *corpus* a identidade de *grande*, ou melhor, a sua Invariância através dos “repertórios” de variação do sentido dessa unidade lexical. Assim, as análises têm por finalidade estruturar uma representação metalinguística, denominada **Forma Esquemática**, a qual tenta explicar as possíveis construções da forma empírica *grande*, ou melhor, busca constituir a identidade semântica dessa entidade¹⁴.

Com o intuito de atingirmos nossos objetivos, as análises se estruturam da seguinte forma:

- I – Para melhor observamos o comportamento de *grande* nos enunciados, agrupamos as suas ocorrências conforme a anteposição e a posposição para analisamos os sentidos adquiridos por essa marca;
- II – Observamos as operações de Quantificação (Qnt) e Qualificação (Qlt) com *grande*;
- III – Elaboramos a Forma Esquemática de *grande*.

¹⁴ Entendemos “entidades” como sendo as noções linguísticas lexicalizadas, ou seja, situadas num sistema de referência enunciativo.

4.1 Primeira etapa: A anteposição e posposição de *grande* nos enunciados orais

Grupo 1a: Adjetivo *grande* anteposto ao nome, na função de intensificador

01 Eu acho que nunca tive uma *grande* decepção... (EPaIM9ºano)¹⁵

02 Eu acho que foi um *grande* erro dos Estados Unidos porque pegou o Iraque despreparado... (EPaIM5º ano)

03 Você acha que a polícia não está agindo com *grande* terror contra essas gangues? (entrevistador)

04. E realmente o homossexualismo vem sofrendo um *grande* preconceito por parte da população... (EPaIM9º ano)

05. Olha... tem pessoas que matam por prazer...quando mata é uma *grande* aberração e elas merecem ser severamente punidas (EPaIM9º ano)

06. (...) se a pessoa é formada com a formação mais científica... elas acaba tendo discernimento de que aquilo é uma *grande* besteira [o SE se refere a assistir ao Programa do Ratinho] (EPaIF3º ano do E. Médio)

Nos enunciados (01), (02), (03), (04), (05) e (06) a ocorrência de *grande* funciona com o sentido de intensificador, pois, independentemente de estar na posição anteposta ou posposta em relação ao nome, ele enfatiza o que os respectivos nomes evocam. Em (01), *grande* intensifica o grau de decepção, nunca sentida pelo SE, ou seja, o SE já vivenciou uma decepção, mas, não uma grande decepção. Nos enunciados (02), (03) e (04), (05) e (06) há uma intensificação do grau de erro, de terror, de preconceito, acerca de aberração e de besteira. Essa intensificação resulta da apreciação que o SE faz de uma dada realidade; há desencadeadores externos que influenciam a percepção do SE. Em (05) e (06) os nomes aberração e besteira já trazem um traço negativo e, ao se articularem com “grande”, evocam uma intensidade; e, quanto mais a aberração e a besteira são grandes, mais elas são aberração e besteira. Logo, como explicam Vogüé & Franckel (2002), *grande* apenas intensifica essa negatividade, ou seja, gradua a “besteira” e a “aberração” para um nível além do padrão.

Grupo 1b: Adjetivo *grande* posposto ao nome, na função de intensificador

07 (...) porque a gente sabe que a prostituição é uma coisa que tá¹⁶ em alta...ela tá muito *grande* no nosso mundo hoje em dia (EPaIM3º ano do E. Médio)

¹⁵ EPuIF: Escola Pública Informante Feminino; EPuIM: Escola Pública Informante Masculino; EPaIF: Escola Particular Informante Feminino; EPaIM: Escola Particular Informante Masculino.

¹⁶ Reproduzimos a fala dos entrevistados tal qual está no *corpus*.

- 08 (...) O desemprego hoje em dia é muito **grande**... (EPaIM3º ano do E. Médio)
- 09 (...) A violência hoje tá muito **grande** principalmente entre os irmãos que por exemplo um irmão drogado vai brigar com outro... (EPuIF3º ano do E. Médio)
- 10 (...) então há uma diferença... e há um preconceito muito **grande** com os nordestinos... (EPaIM3ºano do E. Médio)
- 11 (...) pai estuprando filha eu acho isso uma barbaridade muito **grande**... (EPaIM3ºano do E. Médio) (intensifica a qualificação de um ato)

Nos enunciados (07), (08), (09) e (10), os nomes para os quais **grande** remete representam fenômenos que são mensurados pelo SE, como sendo “grande” não por conta dos nomes em si, mas pela representação que eles evocam como, por exemplo, por conta do número de pessoas que se prostituem; que cometem atos de violência; pelo número de pessoas que estão desempregadas, etc. Nesses enunciados, **grande** aproxima-se semanticamente da expressão “índice elevado” porque remete a desencadeadores externos percebidos pelo SE. Em (11), **grande** intensifica a qualificação de um ato - *pai estuprando filha - ser uma barbaridade muito grande*. Assim como em 05 e 06 (besteira e aberração), barbaridade traz consigo um traço de negatividade definido por ele mesmo e, ao se unir com **grande**, evoca uma intensidade dessa negatividade. Nesse caso, citamos Vogüé e Franckel (2002)¹⁷ que explicam:

[...] Podemos notar que certos N têm por propriedade definir por eles mesmos um traço X relevante então na explicação: quanto mais N é grande, mais X é X. Assim, por exemplo, quanto mais a tragédia é grande, mais ela é trágica, quanto mais a felicidade é grande, mais é felicidade... (VOGÜÉ & FRANCKEL, 2002, p. 41).

Grupo 2: Adjetivo **grande** na posição anteposta enfatizando a atuação evocada pelo nome

12. Deus é um **grande** homem que veio pra cá... (EPaIF5º ano)
13. (...) eu sempre quis ser uma **grande** secretária ... pra mim só isso basta... (EPuIF3º ano do E. Médio)
14. (...) na verdade não foi exatamente uma paixão de Escobar... eles eram **grandes** amigos. [ele comenta sobre o livro Dom Casmurro] (EPuIM3º ano do E. Médio)
15. (...) no momento que a gente tem **grandes** cantores... **grandes** compositores por que será que o jovem continua se prendendo a esse tipo de música? [o entrevistador pergunta a respeito do rap]

¹⁷[...] On peut remarquer que certains N ont pour propriété de définir par eux-mêmes un trait X, relevant alors de la glose: plus N est grand, plus X est X. Ainsi par exemple, plus la tragédie est grand plus elle est tragique, plus le bonheur est grand plus Il est bonheur...

Em (12), temos o nome *Deus* e a predicação < ser grande > categorizando “Deus” na classe dos “grandes homens”, ou seja, temos uma apreciação valorativa do sujeito enunciador (SE). “Deus é um grande homem...” não é a mesma coisa de “Deus é grande...” porque no primeiro enunciado você inclui “Deus” numa categoria, a dos grandes homens, já no segundo, “Deus” é visto como um ser supremo, inigualável; a própria noção <ser Deus > contribui para esse sentido.

No enunciado (13), o adjetivo GRANDE não está qualificando uma dada secretária; mas, um tipo de secretária; X não quer ser uma secretária, mas uma grande secretária. A anteposição do adjetivo evoca a imagem de uma secretária que apresenta características que a enaltecem enquanto secretária. Em (14), *grande* ressalta o grau de amizade entre X e Y. Em (15), a anteposição do adjetivo *grande* também evoca traços que qualificam cantores e compositores enquanto excelentes, tais como a qualidade da voz e das letras das músicas.

Grupo 3: Adjetivo *grande* posposto ao nome, na função prototípica de tamanho/extensão

16 (...) não resolve porque o Brasil é muito *grande* e tem muitas pessoas passando fome (EPaIM5ºano)

17 (...) Buriti dos Lopes era a última cidade que atravessava pra chegar em Parnaíba aí... como a estrada era muito *grande* eu não conseguia dormir (EPuIM5ºano)

18 (...) mas como a escola era muito *grande* normalmente tinham quatro recreios. (EPaIF3º ano do E. Médio)

19 (...) contrataram uma banda né? pra gente dançar forró lá tem uma piscina bem *grande* e funda (EPaIF5ºano)

20 Se ganhasse na loteria compraria uma casa muito *grande* pra mim. (EPuIF3ºano do E. Médio)

Nos enunciados (16), (17), (18), (19) e (20), os respectivos nomes evocam uma extensão que é acentuada através do adjetivo GRANDE e do intensificador **muito**. Assim, “Brasil”, “estrada”, “escola”, “piscina”, “cesta”, “casa” e “livro”, respectivamente, remetendo ao sentido, ou melhor, à noção < ser grande > à extensão / comprimento, que tratam de um dos valores prototípicos de GRANDE. Os intensificadores “bem”, “tão” e “muito” são utilizados para enfatizar esse tamanho e de certa forma faz com que esses nomes sejam localizados no Interior das noções que eles evocam.

Grupo 4: Adjetivo *grande* posposto ao nome na função de quantificador

21 (...) Ai ((risos)) é difícil o livro é *grande* demais mas eu li (EPuIF5ºano)

Foi encontrado apenas esse exemplo nessa função; observamos, então, que em (39), *grande* aproxima-se semanticamente de “volumoso”, pois o SE, empiricamente, está se referindo à quantidade de páginas do livro. Isso é compreendido pela noção < livro > que ativa “páginas” e pelo cotexto, à direita do adjetivo, *mas eu li*. Assim, *grande* está na função de quantificador. Para ficar mais claro esse valor, poderíamos ter um cenário em que alguém, ao tentar guardar um livro na estante, diz: “É um livro *grande* e não coube na estante.” Já neste caso, teríamos *grande* funcionando com o sentido de tamanho e isso é observado através da asserção negativa em *não coube na estante*.

O que podemos verificar quanto ao uso do *grande* nos grupos 3 e 4 é: o ponto de vista do SE é importante, pois é ele que avalia, colocando um ponto de confrontação em relação ao nome evocado. Como explica Vogüé e Franckel (2002, p.36)¹⁸: “[...] o ponto importante é que estes parâmetros que *grande* mobiliza vão poder se transformar de forma variável sobre os elementos do cotexto. Daí, o fato de que este que é dito *grande* possa ser um traço variável: *grande* de qualquer forma não especifica o conteúdo.”

4.2 Segunda etapa: As operações de Qlt e Qnt com *grande*

4.2.1 Operação de Qlt com ênfase no Tipo

13 (...) eu sempre quis ser uma *grande* secretária ... pra mim só isso basta... (EPuIF3º ano do E. Médio)

14 (...) na verdade não foi exatamente uma paixão de Escobar... eles eram *grandes* amigos.. [ele comenta sobre o livro Dom Casmurro] (EPuIM3º ano do E. Médio)

22 (...) um advogado pode ajudar muito na sociedade ele tem poder... não um *grande* poder como o juiz. (EPuIF9ºano)

23 Mateus é o cabelão *grande* moreno (EPuIF5ºano)

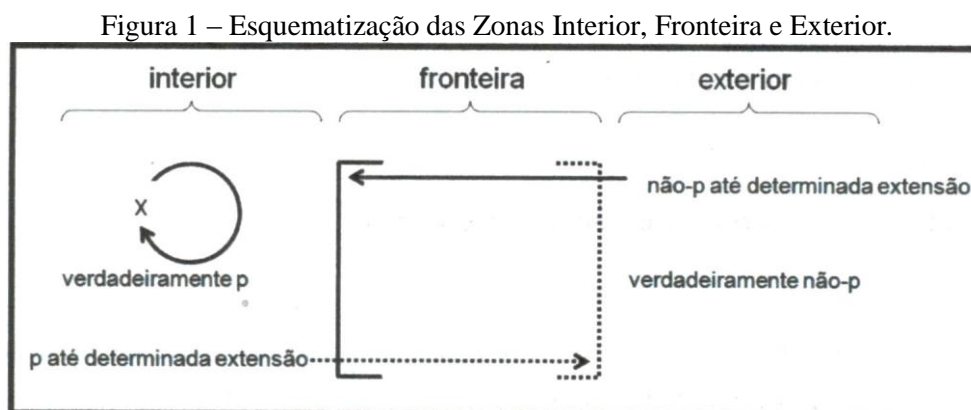
24 (...) eu só compro pirulito de cabeça *grande*. (EPaIF5ºano)

25 É a história de um menino mais ou menos *grande* de dezoito anos chamado Anderson (EPaIM5ºano)

Como já mencionamos, Tipo é uma ocorrência representativa da noção P. No nosso trabalho, temos, então, P como GRANDE, logo, a representatividade é < ser grande >. A maioria dos enunciados acima demonstrou essa representatividade em direção ao Interior (ser

¹⁸[...] Le point important est que ces paramètres que *grand* mobilise [...] vont pouvoir se greffer de façon variable sur les éléments du co-texte.

verdadeiramente grande), com exceção dos enunciados (22) e (25), pois o primeiro foi localizado no Exterior do domínio nocional de grande poder e o segundo foi localizado na Fronteira (não verdadeiramente não-grande). Tivemos essa comprovação por meio das expressões “mais ou menos grande”, no (25), e da partícula negativa “não”, na expressão “não um grande poder” em (22). Para ficar mais claro, vejamos a figura abaixo que ilustra como se dá esse espaço topológico composto pelas 3 zonas: Interior, Fronteira e Exterior.



Fonte: CULIOLI, 1999 *apud* PRIA, 2009, p.57.

4.2.2 Operação de Qlt com ênfase no Atrator

07 (...) porque a gente sabe que a prostituição é uma coisa que tá em alta...ela tá muito **grande** no nosso mundo hoje em dia (EPaIM3º ano do E. Médio)¹⁹

11 (...) pai estuprando filha eu acho isso uma barbaridade muito **grande**... (EPaIM3ºano do E. Médio)

12 Deus é um **grande** homem que veio pra cá... (EPaIF5º ano)

16 (...) não resolve porque o Brasil é muito **grande** e tem muitas pessoas passando fome (EPaIM5ºano)

17 (...) Buriti dos Lopes era a última cidade que atravessava pra chegar em Parnaíba aí... como a estrada era muito **grande** eu não conseguia dormir (EPuIM5ºano)

26 (...) então há uma diferença... e há um preconceito muito **grande** com os nordestinos... (EPaIM3ºano do E. Médio)

Sendo o Tipo uma ocorrência representativa da noção P, o Atrator vai ser a singularidade, o valor extremo da noção P, ou seja, demonstrará o alto grau da noção < ser

¹⁹ Por conta do foco, agrupamos alguns exemplos que já foram mencionados na primeira etapa com outros que ainda não foram utilizados, por isso conservamos a sua numeração.

grande >. Então, todos esses enunciados acima se encontram na excelência dessa noção, pois, além de eles estarem situados (todos) na zona Interior, eles encontram-se no alto grau dessa zona. Isso é comprovado pelos intensificadores “muito”, “bem” e “tão”, os quais remetem à diferença que o SE faz, entre “A prostituição é grande” e “A prostituição é muito grande”. Notamos que no último enunciado há o desejo de enfatizar esse alto nível de prostituição.

Observamos que o enunciado (12) demonstra melhor ainda o aspecto da singularidade, pois traz Deus sendo **grande** enquanto homem, ou seja, o SE não o considera como ser supremo por ele mesmo, e sim, na comparação de atitudes/comportamentos de “grandes homens”. Isso é verificado, também, através do determinante “um” que, de certa forma, contribui para esse entendimento. Caso fosse dito “Deus é o grande homem que veio para cá...”, o SE não o estaria mais incluindo numa categoria, e sim, o destacaria como sendo “o homem”. Dessa forma, observamos como funciona a singularidade no Atrator.

4.2.3 Operação de Qnt

21 (...) Ai ((risos)) é difícil o livro é **grande** demais mas eu li o livro todo (EPuIF5º ano)

27 (...) em compensação a **grande** maioria da população fica à margem da sociedade vive na miséria... [entrevistador pergunta a respeito de quem tem condição privilegiada no Piauí] (EPaIF3ºano do E. Médio)

28 Aqui no Brasil só quem vai preso na **grande** maioria são os ladrões pequenos... você acha que se existisse pena de morte aqui essas pessoas seriam as primeiras a serem prejudicadas? (entrevistador)

29 (...) o eleitor geralmente pobre e miserável como é **grande** parte da população brasileira... (EPaIF3ºano do E. Médio)

Observamos, nos enunciados acima, que **grande** está funcionando de modo quantitativo. Vimos que no enunciado (21), conforme já fora mencionado, **grande** remete à quantidade de páginas que o livro possui e não à sua extensão. Verificamos isso através da própria noção <ser grande> que permitiu ser fragmentada, diferentemente de quando o SE diz: “O livro é **grande** e não coube na mochila”, em que temos a qualidade de <ser grande> no sentido muito mais de extensão do que de volume.

Em relação aos enunciados (27), (28) e (29), temos **grande** sendo utilizado em expressões partitivas, as quais, pela natureza semântica, remetem a uma fragmentação. Dessa forma, o SE, ao dizer “(...) a grande maioria da população”, “(...) na grande maioria” e “(...) grande parte da população”, faz com que **grande** enfatize essa quantificação que se aproxima

da totalidade em (27) e (28) e marque a extensão da parte atingida em (29). Lembremos do que já foi explicado por Vogüé e Franckel (2002) ao dizer que *grande* mobiliza o ponto de vista do SE e uma confrontação: <ser maioria> é diferente de <ser a grande maioria>, <ser parte > é diferente de < ser grande parte >. E isso retrata o jogo que se dá com as unidades nos enunciados e reforça a visão de Culioli (1999), ao dizer que na Quantificação podemos discernir, distinguir e situar as ocorrências de uma noção num espaço-tempo.

4.3 Terceira etapa: Elaboração da FE de *grande*

Nos enunciados analisados, vimos que GRANDE, através do cotexto e do contexto enunciativo, remeteu a uma regularidade aos domínios referenciais caracterizados como < tamanho>, < comportamento/atitude > e < intensificador >. Esses domínios não surgiram somente de acepções atribuídas ao adjetivo GRANDE nos diferentes enunciados em que esteve presente, mas de mobilizações específicas construídas nas dimensões Qnt/Qlt. Observamos que o operador de Qlt foi preponderante em relação ao Qnt. Isso confirma claramente porque Culioli (1990) considera as unidades lexicais como marcas de operações que levam a uma representação nocional e não etiquetas com sentidos prontos e acabados.

Constatamos que esta unidade, por ela mesma, não implica o sentido de “tamanho” e que, mesmo em se tratando de tamanho, a construção desse sentido depende da natureza semântica do nome a que se refere o adjetivo *grande*. Através dos enunciados analisados, vimos que esse “tamanho” remete a uma extensão física ou valorativa, bem como a uma intensificação qualitativa ou quantitativa. Dessa forma, propomos a seguinte Forma Esquemática para a unidade lexical *grande*:

Dada uma entidade X, *grande* desencadeia sobre X propriedades extensionais oriundas da percepção interna ou externa do Sujeito Enunciador sobre essa entidade, provocando uma mudança de estatuto da mesma em uma dimensão quantitativa, em uma linha vertical ou horizontal, ou em uma dimensão qualitativa.

Essa mudança de estatuto é apreendida por meio de um parâmetro que se trata de uma propriedade do nome, ou melhor, da noção evocada pelo nome.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi comentado, observamos que *grande* admitiu sentidos diferentes do seu sentido primário de “tamanho/extensão”, e isso foi possível por conta da plasticidade dos

nomes que o acompanham, bem como da própria organização do enunciado. Assim, constatamos o que defende a TOPE ao dizer que o léxico é um lugar de variação, pois a própria unidade linguística remete aos possíveis sentidos que serão construídos, a partir das interações de uma determinada unidade com outras nos enunciados.

Ao trabalharmos as Operações de Qlt e Qnt, verificamos que a Operação de Qlt foi preponderante nos enunciados, mas foi possível vermos também *grande*, agindo como um operador quantitativo, e isso comprova a visão de Culioli (1999), ao explicar que a quantificação é uma operação que representa alguma coisa que pode ser distinguida e situada em um espaço de referência.

Finalizamos, dizendo que o enunciado é um produto do relacionamento entre noções e operações, pois as ocorrências linguísticas constituem os termos de um enunciado e estes termos são as unidades lexicais que ganham dinamicidade de interações nos enunciados e são essas interações que vão proporcionar os sentidos que, por conseguinte, vão demonstrar uma regularidade de usos e, a partir dessa regularidade é que poderemos elaborar uma Forma Esquemática.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CULIOLI, Antoine. **Notes du Seminaire de D.E.A.** Université de Paris 7. Departamente de recherches linguistiques. Paris: Poitiers, 1985.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Opérations et représentations. Tome 1. Paris: Ophrys, 1990.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Domaine notionnel. Tome 3. Paris: Ophrys, 1999b

_____. **Les opérations de détermination**: quantification / qualification. Volume dirigé par A. Deschamps et J. Guillemin-Flescher. Paris: Ophrys, 1999.

CUMPRI, Marcos Luiz. **Contribuições ao estudo da ambiguidade da linguagem**: uma proposta linguístico-educacional. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara (SP), 2012.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon, [1984] 2008.

FRANCKEL, Jean-Jacques. **Situation, contexte et valeur référentielle**. Pratiques, Metz, n.129-130, p.51-70, 2006.

FRANCKEL, Jean-Jacques. Referência, referenciação e valores referenciais. In: : VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação:** representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011. p. 31- 55.

FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. Aspectos da Teoria de Antoine Culioli..In: : VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação:** representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011. p. 87-101.

FRANCKEL, Jean-Jacques. Da interpretação à glosa: por uma metodologia da reformulação In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação:** representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011. p. 103-130.

LIMA, Maria Auxiliadora; Serra, Maria Anecy Calland Marques. **Português Falado por Teresinenses - PORFATER.** *Corpus* para pesquisa linguística Vol. 1. Teresina: EDUFPI, 2010. 482p.

LIMA, Maria Auxiliadora. A construção de significação de ocorrências do adjetivo bom: identidade e variação. In: LIMA, M.A.F; ALVES FLHO, F; COSTA, C.S.S M.da.(Orgs.) **Linguística e Literatura: percorrendo caminhos.** Teresina: EDUFPI, 2013.

LOPES, Márcia Cristina Romero. **Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical:** a polissemia redimensionada. 2000. 333f. Tese de Doutorado em Letras - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PRIA, Albano Dalla. **Para um redimensionamento do estudo do “adjetivo”:** os processos enunciativos de variação de variação semântica de “falso”. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2009.

ROMERO, Márcia Cristina. Um possível diálogo entre a teoria das operações enunciativas e a aquisição: identidade semântica e produtividade discursiva. **Alfa.** São Paulo, 54, p. 475-503, 2010.

VALENTIM, Helena Topa. **Predicação de existência e operações enunciativas.** Lisboa: Colibri, 1998.

VALENTIM, Helena Topa; LEJEUNE, Pierre. Contexto como condição de interpretação do enunciado. **Cadernos WGT. Co(n)texto.** Lisboa, dezembro de 2009. Disponível em: <http://clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/garamatica/cadernos/valentim&lejeunecontexto.pdf>

VOGÜÉ, Sarah de. **Calcul des valeurs d’un énoncé au présent.** Travaux de linguistique 40. Bruxelles, Duculot, 2000. p.31-54

VOGÜÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean-Jacques. Identité et variation de l’adjectif grand. In: **Langue française.** n° 133, 2002, p. 28-41.

VOGÜÉ, Sarah de. **Os Princípios Organizadores da Variedade das Construções Verbais.**
Revista Virtual de Estudos da Linguagem – REVEL, 2011, p.276-315.